



GÊNERO E REPRESENTAÇÃO NO ROMANCE HELENA, DE MACHADO DE ASSIS

JARABIZA, Criselen¹; COSTA, Laís Braga²; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares³

Palavras-Chave: Representação feminina. Romantismo. Literatura brasileira. Estudo de Gênero.

INTRODUÇÃO

O presente texto é decorrente do projeto PAPCT⁴- Unicruz (que se encontra em desenvolvimento), intitulado A representação feminina na obra machadiana: um recorte romântico x realista. Para tanto, foram escolhidas duas obras do consagrado escritor brasileiro Machado de Assis, uma obra do período literário romantismo: *Helena*, publicada em 1876, e outra obra pertencente ao período do realismo: *Quincas Borba* (1892).

A pesquisa tem como objetivo geral oportunizar a verificação, discussão, reflexão e análise do papel social, cultural e político da mulher, na sua complexidade, na obra do escritor brasileiro Machado de Assis, a partir do estudo comparativo de romances das fases romântica e realista, bem como a compreensão da sociedade da época na qual se inserem as personagens.

METODOLOGIA OU MATERIAL E MÉTODOS

O presente texto é fruto da análise em uma perspectiva dos estudos de gênero da obra machadiana *Helena* (1876), sendo parte dos resultados da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico do projeto PAPCT-Unicruz, acima referido. Os aportes teóricos principais centram-se nos seguintes autores: Bosi (1998), Moisés (2006) e D'Onofrio (1995), Lauretis (1992), Perrot (2005) e Smith (2003), dentre outros.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Membro discente do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação (Unicruz). Bolsista PAPCT-Unicruz. Bibliotecária/Documentalista do IFFARCampus Santa Rosa. E-mail: crysibiblio@yahoo.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Membro discente do GEPELC. Bolsista PAPCT-Unicruz. Bacharel em Biblioteconomia (FURG). Bibliotecária no Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul. Email: lbc.biblio@gmail.com

³ Doutora em Letras (UFRGS). Docente e Coordenadora do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz). Orientadora do projeto de pesquisa. E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

⁴ Programa de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade de Cruz Alta



RESULTADOS E DISCUSSÕES

O escritor Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis) nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e ocupou a cadeira nº. 23. A sua extensa obra constitui-se de nove romances e peças teatrais, duzentos contos, cinco coletâneas de poemas e sonetos, e mais de seiscentas crônicas. Destacam-se, dentre as obras, os romances *Helena* (1876), *Quincas Borba* (1892) e *Dom Casmurro* (1899).

O romance *Helena*, objeto desta análise, situa-se temporalmente no final da década de 50 do séc. XIX, no período romântico. Conforme Bosi (1998, p. 93) “O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito”, dessa forma, apresenta-se uma abordagem sobre gênero retratada na obra, com base no que o autor representa da sociedade da época, a partir dos personagens da trama. Nessa direção, resgatando-se o enredo, verifica-se que, após o falecimento do conselheiro Vale, o testamento traz a revelação da existência de uma filha, uma nova herdeira que está estudando em um internato, sendo solicitado que a família acolha a moça com desvelo e carinho. Estácio filho do conselheiro e D. Úrsula, irmã do falecido, ficam surpresos, mas fazem a vontade do conselheiro. Assim, Helena chega em Andaraí e conquista a todos com seu seus dons e seu jeito dedicado e carinhoso, inclusive a tia D. Úrsula, que no início resiste aos encantos da moça e tenta se afastar mas, por motivos de saúde, vê em Helena uma sobrinha dedicada que cuida da casa e da doente.

O sistema de gênero, socialmente imposto na época da história narrada, define o ser feminino como fraco e submisso, assim as tarefas que cabem à mulher são funções preestabelecidas que se restringem aos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, vivendo em um regime de servidão e contribuindo com a manutenção do poder institucionalizado. Neste romance, esse poder é representado pela Igreja, na figura do padre Melquior, um conselheiro da família que acaba direcionando os pensamentos e atitudes do círculo familiar. Trata-se de um personagem, cujo papel social é importante, no conjunto da obra, ao fazer a revelação a Estácio do amor que este sente por Helena conforme o trecho: Assis (2002, p.111) “- Estácio, disse Melchior pausadamente, tu amas tua irmã”. E ainda “[...] Helena aparece mulher, com todas as seduções próprias da mulher”.

As definições de sexo e gênero colocam-se, respectivamente, nos âmbitos biológico e sociocultural, e constituem-se em um par opositivo-distintivo; as pessoas nascem com um sexo, e gênero é construído social e culturalmente. Nessa direção, o pensamento de Lauretis



(1992, p. 212) esclarece que o sistema de sexo-gênero é: “[...] tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social, etc.) a indivíduos dentro da sociedade”.

O romance *Helena* revela aspectos socioculturais da sociedade do século XIX, na qual a mulher ocupa uma posição de dona de casa, mãe e esposa dedicada. O enredo mostra que, quando criança, Helena percebe que sua mãe ocupava uma posição diferente das outras mães, também no colégio interno a mãe se identifica como tia de Helena, a fim de a família ser socialmente aceita. Com efeito, Schneider (2000, p. 124) afirma que: “o equilíbrio e a manutenção de poder vigentes exigem que o sujeito se adapte às normas pré-estabelecidas [*sic*] do grupo a que pertence”.

Mendonça, um amigo de Estácio, volta de viagem pelo mundo e se apaixona por Helena; Estácio é contra o enlace matrimonial por ciúmes, mesmo noivo de Eugênia. A seguir, Estácio descobre que Helena não é filha legítima do Conselheiro com Ângela, sendo filha de Salvador. Assim, Helena e Estácio estavam livres para se amarem, porém continuam socialmente como irmãos, ela como herdeira e seu verdadeiro pai decide, mais uma vez, se afastar, para que a filha tenha um futuro diferente do seu. Em decorrência da solidão e sofrimento, a protagonista do romance morre. Diante da impossibilidade do amor se concretizar, a morte constitui-se na solução romântica trágica própria da época.

No romance, a voz discursiva é masculina e denota as diferenças sexuais, entre homens e mulheres tanto na representação dos papéis sociais dos homens como profissionais que são descritos como advogados, conselheiro, desembargador e até viajantes e aventureiros, enquanto as mulheres são representadas como sedutoras, tendo a função de entreter, tocando piano, cantando e sendo primorosas nas artes do lar: bordado, pintura e tarefas domésticas. De acordo com Schneider (2000), o sistema de gênero, consolidado na sociedade ocidental, tem organizado as relações sociais com base na diferença sexual. Dessa forma, promove uma distribuição desigual de poder entre sujeitos femininos e masculinos, tendo como consequência a opressão e discriminação das mulheres como membros de grupos sociais, pois a sociedade se organiza em função do sujeito masculino.

Helena como protagonista é representada em terceira pessoa, e o romance como um todo se centra no sujeito masculino, mesmo a personagem principal sendo feminina, focando a narrativa em Estácio, irmão de Helena, conforme se observa na passagem do livro em que Helena, mesmo concordando em se casar com Mendonça, não obtém a autorização e



consentimento do irmão, personagem masculino que obtém o domínio sobre a personagem feminina. Como se vê, a figura feminina, a obra como um todo, é destituída de poder, em conformidade com os padrões da época, destacando-se por seus atributos de beleza e pendores ao lar e à vida doméstica, entretanto, Helena já apresenta caracteres que vão se modificando um pouco dos presentes no Romantismo, embora de forma diminuta, pois não se rende ao amor, embora amando, mantém o pactuado socialmente e, portanto, permanece como filha e herdeira do conselheiro.

CONCLUSÃO

Observa-se que as representações de gênero presentes no romance *Helena* delimitam papéis diferenciados para homens e mulheres, ficando evidente a característica do Romantismo, principalmente no que se refere à figura da mulher como ser subserviente ao homem. Em meio a tais características, Helena destoa, em certa medida, das mulheres românticas, e se mostra consciente dos variados aspectos que envolvem a vida social das famílias de classe média da época.

A partir do estudo realizado, no que diz respeito a papéis de gênero, entende-se que ainda, nos dias atuais, há resquícios da representação de homem e de mulher do período romântico, pois se nota a pouca participação da mulher na vida pública, a atribuição de tarefas domésticas e o cuidado dos filhos, exclusivamente à mulher, com raras exceções.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Helena**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: **A mulher na literatura**. Florianópolis: UFSC. 1992.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignacio Antonio (Orgs.). **As armas do texto: a literatura e resistência da literatura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.